

CORDEL
ENCASTELADO

#34
MMXXI

Brasil
de Norte
a Sul

Alice Fernandes de Morais

Milene Lima

Marcio Fabiano

Cárlisson Galdino

Francinilto Almeida

Girleide A. de Lima

TÍTULO	Cordel Encastelado #34 Brasil de Norte a Sul
TIPO DE CORDEL	Coletânea
TEMA	Brasil, cidades, cultura
EDIÇÃO ATUAL	1ª (2021)
1ª PUBLICAÇÃO	2021
AUTORIA	Alice Fernandes de Moraes Milene Lima Marcio Fabiano Cárlisson Galdino Francinildo Almeida Girleide A. de Lima
ESTRUTURA	32 sextilhas (6) 7 setilhas (7) 32 setilhas (7) 30 sextilhas (6) 4 décimas (10) 7 sextilhas (6)
ESTRUTURA DE RIMAS	xAxAxA xAxABBA ABBCCDDEED
MÉTRICA	Redondilhas maiores (7) Variável (?)

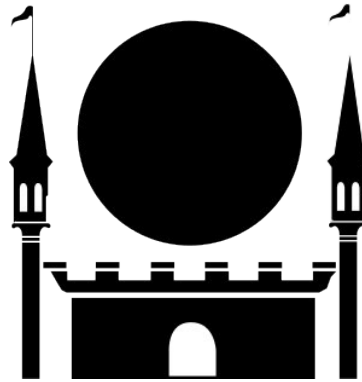
Este cordel é uma publicação de cordelistas agrupados sob o projeto Cordel Encastelado, criado durante a quarentena que foi formada em resposta ao novo Corona Vírus (COVID-19). Esperamos que você goste deste trabalho.



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
AtribuiçãoNãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

14 de outubro de 2021



Uma Viagem pelo Brasil

O velho mundo tem muitos povos, cada um com seu próprio território, sua língua, sua cultura, seus costumes e sua nação. Nós, por outro lado, somos um dos maiores países do mundo. Um dos chamados “países continentais”.

Muito nos une, mas mesmo o que nos une — como a nossa língua — tem uma sintonia ligeiramente diferente em cada lugar.

Esta edição do Cordel Encastelado faz uma homenagem ao país (enquanto povo e cultura, não enquanto representantes). Apertem os cintos, coloquem o assento na posição vertical e aproveitem a viagem!

Cárlisson Galdino



O Brasil e sua Gastronomia

Alice Fernandes de Moraes

Contagem - MG

Alice nasceu na cidade de Campos Sales (CE). Cordelista, já escreveu mais de 40 cordéis, e 4 livros, sendo um infantil. Hoje mora em Contagem, Minas Gerais.

Tem um trabalho patrocinado pelo Fundo Municipal de Incentivo à Cultura de Contagem e outro pelo Ministério da Cultura.

Admiradora da poesia Nordestina desde criança. Viu no poeta Patativa do Assaré, sua maior inspiração.

O meu Brasil é tão rico
Precisamos observar,
Tão grande é a sua beleza
Vinda de qualquer lugar,
Falo da gastronomia
Do meu doce Ceará.

Temos o baião de dois
Tapioca e mungunzá,
O cuscuz e o sarrabulho
Venha aqui pra degustar,
Carne seca e macaxeira
Cajuína e cajá.

Tem a buchada de bode
Farofa e sarapatel,
De sobremesa rapadura
Alfenim feito com o mel,
E o doce de buriti
Que no sabor ele é fiel.

No Rio Grande do Norte
Carne de carneiro assada,
Escondidinho e paçoca
Baião de dois que agrada,
Bobó e feijão cremoso
Peixe e caranguejada.

Chegando à Paraíba
Tem mungunzá e rubacão,
Buchada e arrumadinho
Frutos do mar e camarão,
Tábua de carne de sol
E tapioca pra refeição.

Tem buchada em Pernambuco
Bolo de rolo e arrumadinho,
Carne de charque e queijo
Boa peixada e um caldinho,
Dobradinha com feijão
Chambaril e escondidinho.

Tem umbuzada em Alagoas
Chiclete de camarão,
Tem sururu de capote
E arrumadinho de feijão,
Pituzada e siri mole
E peixes da região.

Sergipe tem lagosta e polvo
Moqueca de camarão,
Feijoada sergipana
Aratu, lula e salmão,
Tem macaxeira com charque
E uma peixada com pirão.

Tem buchada na Bahia
Acarajé e vatapá,
Xinxim de galinha e rabada
Carne seca e abará,
Uma moqueca baiana
Maniçoba e mungunzá.

Chegando a Minas Gerais
Tem o nosso feijão tropeiro,
Tem o frango com quiabo
E tem o tutu a mineiro,
Também a vaca atolada
Quem chegar come primeiro.

Temos o arroz com pequi
Galinhada e galopé,
O leitão a pururuca
O pão de queijo com café,
Frango com ora-pro-nobis
E queijos para quem quiser.

A moqueca capixaba
Está no Espírito Santo,
Caranguejada e quibebe
Bobó de camarão tem tanto,
Siri e arroz de marisco
Não encontrei em outro canto.

Chegando ao Rio de Janeiro
Biscoito globo e chá mate,
Filé a Oswaldo aranha
E um picadinho a parte,
A feijoada e a rabanada
Merece até estandarte.

Em São Paulo pastel de feira
Sanduiche de mortadela,
Cupim casquerado na telha
E uma pizza daquelas,
Cuscuz paulista e pão na chapa
Pode comer sem cautela.

Paraná tem o barreado
Costela ao fogo de chão,
Carne de onça e carneiro
E entrevero de pinhão,
Tem também boi no rolete
E maturado, um leitão.

Já em Santa Catarina
Tem marreco com repolho,
Joelho de porco e chucrute
Na cuca eu cresci o olho,
Truta, tainha e polenta
E a caldeirada com um bom molho.

No Rio Grande do Sul
Charque e costela assada,
Galeto e arroz de carreteiro
Tem tainha e churrascada,
Mas se não provar do vinho
De lá não conheceu nada.

No Mato Grosso do Sul
Carne moída com pequi,
Arroz boliviano e tropeiro
Sarravulho e quibebe eu também vi,
Peixe a urucum, chipa e sobá
E até jacaré provei ali.

Chegando a Mato Grosso
Tem mojica de pintado,
Galinhada com pequi
Furrundu bem caprichado,
Carne seca com abóbora
Maria Isabel e guisado.

Tucunaré assado em Rondônia
Tacacá e caldeirada,
Torta de carne de sol
Leitão assado a bairrada,
Bolo de cupuaçu
Doce de buriti e cocada.

No Acre tem a baixaria
Rabada com tucupi,
Pirarucu à casaca
Caldeirada e tambaqui,
E tem o beiju na folha
Que eu conheci ali.

No Amazonas maniçoba
E o nhoque de jambu,
Tem o pato no tucupi
Casaca de pirarucu,
Brigadeiro de tucupi
E torta de cupuaçu.

Em Roraima tem galinhada
Moqueca de pirarucu,
Torta de carne com nata
Tucunaré, aruanã e pacu,
Tem também tartarugada
Que essa eu deixei pra tu.

O pato com tucupi
Também está no Pará,
Com a sua famosa castanha
Caranguejo, caruru e tacacá,
Maniçoba, jambu e açaí
Cupuaçu, macaxeira e vatapá.

Chegando ao Amapá
Provei logo o açaí,
O tucunaré na brasa
Gengibirra e tambaqui,
E o camarão no bafo
Matrinchá e jaraqui.

A moqueca maranhense
Essa é do Maranhão,
Arroz de cuxá e açaí
Juçara e camarão,
Peixada e carne de sol
Tem a minha aprovação.

Quando entrei no Piauí,
Baião de dois e sarapatel,
Bode assado e carneiro
E a cajuína feita o mel,
Também o arroz com capote
Paçoca e Maria Isabel.

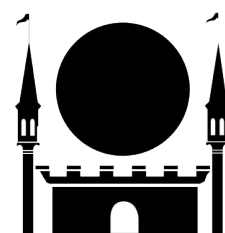
Agora no Tocantins
Provei o arroz com pequi,
Ao leite de babaçu um peixe
Feijão tropeiro e chambari,
Peixe em folha de banana
E frango tostado tem aqui.

Em Goiás tem o X tudo
A pamonha e a panelinha,
Tem o empadão goiano,
E o arroz com a rapinha,
Tem a carne com quiabo
E tem pequi com galinha.

Tem mojica de pintado
No Distrito Federal,
Filé a milanesa e buchada
E um churrasco especial,
Pato no tucupi e Chico angu
E o arroz com pequi normal.

Eu conheci o meu Brasil
E a sua gastronomia,
Vou mudar o meu cardápio
Comer um prato por dia,
Pois andei de Norte a Sul
Sem pagar nem estadia.

Eu tive que resumir
Pois o meu Brasil é grande,
Quanto mais eu o conheço
Mais meu Brasil se expande,
É uma beleza esplêndida
Em cada lugar que eu ande.





A Língua é Vária

Milene Lima

Arapiraca — AL

O Brasil é um país
Que parece um continente
Nele cabe muita fala
De sotaque diferente
Seja Norte ou Sudeste
Sul, Nordeste ou Centro Oeste
Que beleza, minha gente!

Tem canto que fala aipim
Noutro diz é macaxeira
O bom mesmo é comer
Dito de qualquer maneira
Mexerica ou tangerina
Candeeiro ou lamparina
Viva a fala brasileira!

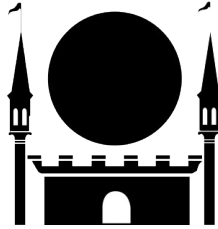
Um sujeito meio bobo
Lá no Sul ele é jaguara
Em Goiás é um taioba
A variação não para
Eu chamo de arigó
Tem lugar que é bocó
Repare, que coisa rara

Bah, mas que barbaridade!
Rensga, que o trem tá pegando!
Pense numa latumia!
Ôrra meu, tá me tirando?
Caraca, que vacilão!
Arre égua, meu irmão!
Gaiato, tá me zuando?

Mas se tem um troço paia
É o tal do preconceito
Dependendo da origem
Do danado do sujeito
O povo quer é mangar
Gosta até de arremedar
Isso é falta de respeito

Não existe fala certa
Muito menos fala errada
Só precisa ter ciência
Da maneira adequada
No Whatsapp é de uma forma
Em audiência é outra norma
É a língua variada

Por onde quer que se vá
O sotaque é melodia
Dando voz ao nosso povo
Bela e doce poesia
Guardando tanta riqueza
De imensa boniteza
Nossa fala é alegria





Identidade Caipira

Marcio Fabiano

Ribeirão Preto - SP

Eu venho com meu cordel
Falar de nossa raiz
Vou pra dentro do sertão
Em busca de tal matriz
Não sou de contar mentira
Eu vim falar do caipira
Orgulho do meu país.

No século dezesseis
Eis que surge o personagem
Quando chega o Bandeirismo
Que vai pedindo passagem
Pela região sudeste
Também sul e centro-oeste
Seguindo firme a viagem.

A herança portuguesa
Trazida por bandeirantes
Foi misturar-se aos costumes
Dos nativos habitantes
Como fruto da mistura
Encontrou nova cultura
De presença tão marcante.

Adentrando o interior
No rumo do coração
Desse gigante país
Encontramos o sertão
Específico lugar
Sobre o qual vou explicar
Preste bastante atenção.

Sobre a palavra caipira
A qual merece respeito
Eu percebo muita gente
Reagir com preconceito
Com ares de debochado
Tomando por atrasado
Faltando com o respeito.

Vou citar Jeca Tatu
Lá do Monteiro Lobato
E que inspirou Mazaroppi
Quase idênticos de fato
Pelas veredas do humor
Trocaram todo o valor
Por um tipo caricato.

Como uma figura exótica
Ele foi cristalizado
Aquele calça rancheira
Botina como calçado
Às vezes de pé no chão
Chapéu de palha na mão
Camisa xadrez trajado.

Porém mal sabe essa gente
Que vai muito mais além
Jamais imaginam quanto
Este universo contém
Que riqueza de elementos
Gama de conhecimentos
Sabedoria também.

Por trás daquele sotaque
Que compõe o dialeto
Do erre mais arrastado
E o vosmecê tão discreto
Quanta coisa há pra aprender
A quem quiser conhecer
Esse cabedal seleta.

Em novelas, seriados
E nos programas de humor
Pena que tão pouco mostram
Referências de valor
Mas isto não é problema
Pois vou explorar o tema
Por meio de algum rigor.

O caipira, antes de tudo,
A cargo de consciência
Tem modo de vida rústico
Com autossuficiência
Desde o plantar ao colher
Sabe como proceder
Pra sua subsistência.

Sua casa não tem luxo
Pois não é prioridade
Tem espaço e tem conforto
Na pura simplicidade
Não há sofisticação
Pois no lugar da ambição
Ficou a prioridade.

O grande fogão de lenha
Que se apaga raramente
A velha colher de pau
O forno de barro quente
Mais a panela de ferro
Com o pilão eu encerro
Essa cozinha envolvente.

No seu arraial ou rancho
Ter fartura é o que importa
Água fresquinha do poço
Verduras ali da horta
O paiol para guardar
Feijão, milho, de fartar
Fica cheio até a porta.

Tem um chiqueiro modesto
Lá pra fora no terreiro
Bem ao lado dá pra ver
Um pequeno galinheiro
Tem um humilde curral
Com um bonito animal
Que é seu gado leiteiro.

O doce ele faz no tacho
Também planta seu café
Feito no coador de pano
Só chupa a fruta do pé
Carne em conserva na banha
Variedade tamanha
Só se vendo como é.

Abóbora, mandioca,
Inhame, cará, feijão,
Milho, vagem e batata
Goiaba, caqui, mamão
Tem carambola e tomate
Melancia e abacate
Aqui não falta opção.

Cada qual com o seu tempo
Tem até carne de caça
Um tatu, paca, preá
Mas sem fazer arruaça
Lambari, bagre, traíra
Até parece mentira
O riacho dá de graça.

Como todo bom matuto
Tem sua superstição
Mas ele jamais se esquece
Da sua religião
Lá na capela pequena
Faz terço, reza e novena
Com enorme devoção.

Tem procissão e tem missa
E na data especial
Chamada dia de guarda
Em que o respeito é geral
Cada qual tira o chapéu
Rezando e olhando pro céu
Numa prece virginal.

Na igreja belas festas
Cada um dá uma prenda
Quermesses no mês de junho
Folia de reis na agenda
Tem dança de São Gonçalo
E romaria a cavalo
No Natal tem recomenda.

E na área da cultura
Posso falar pra você
Existe tanta riqueza
Fica encantado quem vê
Tem a dança da catira
Sapateado que inspira
Chamada cateretê.

Tem a moda de viola
Porta voz do sentimento
Do caboclo de verdade
Alegria e sofrimento
Que traduz a sua alma
Abranda a tristeza e acalma
E lhe traz contentamento.

Que fala do seu sertão
Encantos da natureza
Obra-prima aqui tão viva
Que Deus pintou, com certeza
Do nascer ao pôr-do-sol
As estrelas no arrebol
Quem já viu maior beleza?

Nestas dez cordas de aço
Também chora de saudade
Lembrando que o tal amor
Traz dor e felicidade
Ao redor do fogo à noite
Cada acorde é um açoite
Que machuca de verdade.

Já ouviu “Luar do sertão”
Ou mesmo “Chico Mineiro”?
“Saudades de minha terra”
E “Mágoa de boiadeiro”?
Tem a “Tristeza do Jeca”
Moda levada da breca
Desse rico cancioneiro.

Tantas duplas virtuosas:
Zé do Rancho e Zé do Pinho,
Grandes Tônico e Tinoco,
Tião Carreiro e Pardinho,
Pedro Bento e Zé da Estrada,
O Sérgio Reis na parada,
João Mulato e Douradinho.

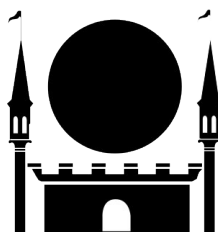
Posso citar tantos outros
De vastíssima estatura
Que muito contribuíram
Pra riquíssima cultura
Autêntica identidade
Sertaneja de verdade
Em tão modesta figura.

Isso tudo que eu já disse
Serve de comprovação
Um genuíno registro
Da cultura do sertão
Brasileiro incontestável
De valor inigualável
Defensor da tradição.

Suas crenças e costumes
As típicas expressões
Popular sabedoria
Até as superstições
Original culinária
E a rude indumentária
Certas festas e canções.

Estão no meio de nós
Na cidade e litoral
Mas disso muitos não sabem
Não se lembram afinal
Que em nossa vida diária
Quanta coisa é originária
Da cultura regional.

Dou então por encerrado
O tal assunto em questão
E pra terminar afirmo
Com total convicção
Do poeta que admira
A identidade caipira
Esteio dessa nação.





Esco: De Salvador a Manaus

Cárliston Galdino

Arapiraca - AL

*Membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006 e da Academia Alagoana de Literatura de Cordel (AALC) desde 2020. Sócio Fundador da União Brasileira de Escritores (UBE) – Núcleo Arapiraca. Iniciou na Literatura com o livro de poesias *Chuva Estelar*, em 1999. Escreve cordéis desde 2005, com mais de 100 títulos, incluindo inovações no gênero, como o cordel interativo. Também tem contos e seis novelas de aventura: *Jasmim*, *Escarlate* (trilogia), *Warning Zone* e *Sina*, além da *O Último Mototáxi de Arapiraca*, que está sendo publicada semanalmente. Autor de sistemas e ambientações para RPG, publicados no XR Zine. <http://blog.cordeis.com/>*

Era uma vez um cachorro
Da raça Magiquinês
Era capaz de falar
Assim como eu e vocês
Um dia sem fazer nada
Veja só o que ele fez

O nome dele era Esco
Gostava de viajar
Tinha um superpoder
Só que não era voar
Era desaparecer
Surgindo em outro lugar

Ainda era de manhã
Ele falou empolgado
— O que vou fazer agora?
“Por que tá tudo parado?
Já sei! Vou dar uma volta
Pra conhecer outro estado!”

“Eu gosto muito de festa
Adoro é uma folia
Vou fazer um teleporte
Direto lá pra Bahia
Pois lá é terra de gente
Que tem bastante alegria!”

O Esco abana seu rabo
E logo desaparece
Daquela rua onde estava
Como se nunca estivesse
Vai parar em Salvador
Lugar que ele não conhece

Quando reparou estava
Em um lugar colorido
Casas antigas pintadas
Em um jeito divertido
Mas parecia uma feira
Muita conversa no ouvido

De repente escuta a voz
— Oxe, ó paí, que doideira!
“Um filhote apareceu
Do nada aqui na ladeira!
Qual é a tua, cabrunco?
Pra chegar dessa maneira?”

— Oi, o meu nome é Esco
“Vim conhecer a Bahia
Em que lugar eu estou?”
O rapaz só assistia
E disse: “Tá é azuado
Depois da feitiçaria”

“Tu não vinha pra Bahia?
Pois já tá em Salvador”
— E esse lugar colorido
“Como é que chama, senhor?”
— Aqui é o Pelourinho
“Se ligue aí, por favor!”

— Que lugar mais diferente
“Não lembro de canto assim”
— Por falar nisso, meu rei
“Tu tem garapa pra mim?
Quer não levar a fitinha
Do meu Senhor do Bonfim?”

— Mas eu não sou rei de nada
“Eu só sou um viajante
Nunca andei com dinheiro
Porque não acho importante
Cachorro é bem natural
Você nota num instante”

“Mas não me disse seu nome
Quero que você me diga
Não precisa ficar brabo
Eu não vim aqui pra briga
Qual a história da Bahia?
É uma terra bem antiga...”

— O meu nome é Casimiro
“Seu filhote dos espanto
Bahia é antiga pra burro
Tu nem imagina quanto
Era chamada Bahia
Vê só: de Todos os Santos”

“Aqui tem muito pra ver
É turista? Qual que é?
Já foi no Farol da Barra?
Provou um acarajé?
É uma terra abençoada
Bahia tem muito Axé”

“Tu é um cachorro massa
Assim chegando e falando
Só que eu estou ocupado
Tem mais turista chegando”
— Obrigado, Casimiro
“Agora eu também me mando”

Feliz pelo novo amigo
Que conheceu bem agora
Esco pensou que já era
Mesmo a hora de ir embora
la escolher novo canto
Para partir sem demora

Pensou: “Já vim pra Bahia
Não peguei nenhuma festa
Eu vou viajar de novo
Pois viajar sempre presta
Agora pro Amazonas
Que é o estado da floresta”

Esco aparece diante
De um prédio bem colossal
Bonito e antigo, parece
De estilo colonial
Fala sozinho: “Caramba!
Prédio maneiro! Au! Au!”

Foi quando escutou um grito
E se virou para olhar
— Égua, mas que fuleragem!
“Tá osso de acreditar
Onde foi que alguém já viu
Cachorro saber falar?”

Era uma mulher passando
Parou ali espantada
— Tu é de verdade, maninho?
“Ou tu é coisa encantada?
Espero só que não seja
Coisa de alma penada”

— Eu mesmo sou isso não
“Sou um cachorro, cê vê?
Vim procurar o Amazonas
Que eu queria conhecer
Digo meu nome: é Esco
Como é que chamo você?”

— Pois o meu nome é Luiza
“Aqui é Manaus, viu não?
Bora ir comigo falando
Da sua visitaçã
Bora, que eu já tou brocada
Quero comer um kikão”

— Eu não entendi foi nada
“Mas posso lhe acompanhar
Deve ser umas dez horas
O Sol já está aculá”
Luiza fala pro Esco
— Pois então vamos lanchar!

— Kikão é cachorro-quente?
“Gostei mesmo desse nome!
O outro nome é ruim
Pois cachorro não se come”
Luiza estendeu a mão
— Tu quer também? Então tome”

Esco recebe a comida
Acha tudo saboroso
Depois pergunta pra ela
— E esse prédio bem vistoso?
— É o Teatro Amazonas
“É um teatro famoso!”

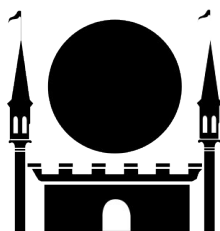
— Que legal! O que tem mais
“Aqui na sua cidade?
Aquela tal zona franca
De fábricas à vontade?”
— Tem também, tem muita coisa
“Pra te falar a verdade”

— Queria ver a floresta
“Mas de forma bem ligeira”
— A floresta é muito grande
“Não dá pra ver ela inteira
Mas se quer, é bem ali
Depois daquela ladeira”

Esco falou: “Obrigado!
Pelo kikão de lancha
E por dizer onde fica
Essa floresta aculá
Até outra hora, Luiza
Eu vou andando pra lá”

Esco saiu caminhando
Bem feliz e confiante
Pra conhecer a floresta
Tão bonita e tão gigante
Sem saber que “bem ali”
Quer dizer “muito distante”

Depois de ver a floresta
Sumiu sem nem deixar pista
Assim termina essa história
Do cachorrinho turista
Por Salvador e Manaus
Também vou. Até a vista!





O Litoral Cearense tem Beleza Inconfundível

Francinilto Almeida

Tabuleiro do Norte - CE

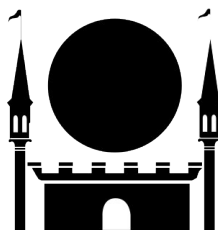
Nasceu em Tabuleiro do Norte, Ceará, a 17 de novembro de 1962. Formado em Letras, com pós-graduação em Planejamento Escolar, é professor concursado em Escola Pública Estadual. Publicou os seguintes livros: - A Fúria do Segredo (romance), 1990; - Geografia do Amor em Transe (poesia), 2000; - A Longa Travessia (romance), 2004, além de outros títulos inéditos. Ultimamente tem-se dedicado bastante à produção de Literatura de Cordel, com mais de cem títulos, nesta área.

O Ceará tem beleza
Tem atração permanente
Todo dia chega gente
Começando em Fortaleza
Buscam nossa Natureza
Que é ímpar, sem igual
Querem ver o Litoral
Com suas praias famosas
Leste a Oeste, venturosas
Passeio fundamental.

Ainda na Capital
Tem a Praia do Futuro
Mucuripe, que lhe juro
Tem ares de magistral
A Meireles, por sinal
Fica unida à Iracema
E não haverá problema
Se quer mais divertimento
Mercado Central, provento
Artesanato é o tema.

Litoral Leste oferece
Bela Praia de Aquiraz
Porto das Dunas lhe traz
Beach Park, que engrandece
Aventura transparece
É preciso ter coragem
Morro Branco tem paisagem
Praia das Fontes também
Canoa Quebrada vem
Completar essa “miragem”.

Litoral Oeste tem
Uma certa calma
Só Cumbuco ainda cria
Grande agitação também
Mas se o sossego convém
Rios quebram o tabu
Cauípe com Mundaú
Ou a Praia de Flecheiras
Sem falar pratos, fruteiras
Tal qual lagosta ou caju.





O Guerreiro Alagoano

Girleide A. de Lima

Arapiraca - AL

Minha terra tem riquezas
Que são muitas para contar
E nesse momento agora
Do guerreiro eu vou falar
É folguedo tão bonito
E tende a se perpetuar

O guerreiro alagoano
É um auto popular
E desde seu nascimento
Tem muito a se explorar
As vestimentas usadas
São mesmo de admirar

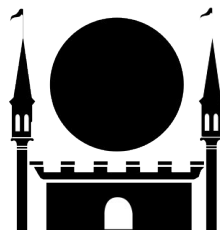
Tem em média 36 personagens
Por chapéus identificados
Com espelhos, fitas e diademas
Esses chapéus são enfeitados
E tem formatos de catedrais
E palácios bem conservados

E os grupos de guerreiro
Estão por todo lugar
Maceió, Arapiraca, Messias
Atalaia, Coité do Noia, Pilar
É uma manifestação riquíssima
Da cultura popular

A dança do guerreiro é em tablado
E o acompanhamento musical
É por meio de sanfona
Com um tocador magistral
Acompanhado de tambor e pandeiro
É tudo fenomenal

A dança no tal tablado
Faz um barulho arretado
Em Arapiraca o guerreiro
Por mestre Elias é apresentado
Mestre Elias é patrimônio vivo
Aqui no nosso estado

Por ser símbolo de resistência
Não devemos descuidar
O guerreiro alagoano
Tem que se perpetuar
E nas novas gerações
Ele vai se eternizar



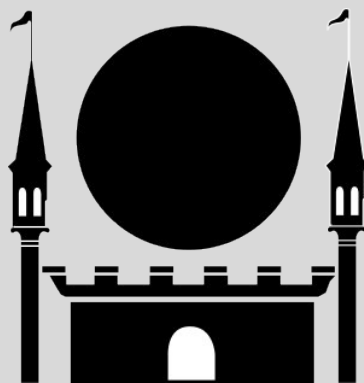


Publicações

1. Tempos de Quarentena
2. No Reino dos Brinquedos
3. Isso eu gosto e recomendo
Para o seu cinema em casa
4. Quem lê toma consciência
De um mundo libertador
5. São João, festa do povo
É cultura popular
6. Namoro à Distância
7. Qualquer tema pode ter
A marca do trovador
8. O Nosso Cordel da Paz
9. A verdadeira amizade
Nem a distância separa
10. Amor de avós é riqueza
Que se traz no coração
11. Paulo e a Esfinge

12. No cordel que escrevemos
Machismo nunca tem rima
13. Viagens que Marcam
14. Sobre os palcos dessa vida
Quero ser protagonista
15. Setembro Amarelo
16. A chama que queima as matas
Atinge o meu coração
17. Outubro Rosa
18. O Valor do Professor
19. Gonzagão Amostrado
20. Racismo é maldita herança
De um Brasil escravocrata
21. Mulher não é objeto
Pra ser posse de ninguém
22. Laura e os Antepassados
23. Ode ao Palhaço
24. Saudade é como retrato
Tirado com o coração
25. Precisamos de Vacina
26. Dia Mundial da Poesia
27. Tá tudo tão diferente
Nem rádio AM tem mais
28. Ode à Ciência
29. Viva as Mães!
30. O tal Disco Voador
Tem causado muito espanto
31. O Homem chegou na Lua

32. O nosso índio merece
Mais respeito e proteção
33. Cordéis Malucos Beleza
34. Brasil de Norte a Sul



Cordel Encastelado é uma iniciativa de cordelistas de vários lugares do país para escreverem cordel coletivamente durante o período de quarentena, devido à pandemia de COVID-19.

Você pode conhecer mais sobre o projeto e seus participantes, bem como baixar todas as edições já publicadas em

<http://wiki.cordeis.com/encastelado/start>

E no canal de Telegram eCordel: <https://t.me/ecordel>

O padrão de cores utilizado foi pego em

<https://botsin.space/@accessibleColors>

Se você é cordelista e quer participar do projeto, mande e-mail para cg@cordeis.com